

# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . .	500 réis
Com estampilha . . . . .	600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . .	20 »

## DIRECTOR E PROPRIETARIO

**AUGUSTO DA COSTA E PINHO**

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**

Rua de S. C hrispim, 18 a 28—PORTO

## PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . .	60 rs. cada linha
Annuncios e comunicados. . . . .	50 »
Repetições . . . . .	25 »
Annuncios permanentes, contracto especial	25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

## Ferrer fuzilado

Os jornaes annunciam o fuzilamento de Ferrer, e segundo se vê do processo, condemnado sem provas, que justifiquem esse acto; a ser assim não foi uma justiça, mas um crime. — E' triste.

O empenho, que mostrou em perseguil-o o jesuitismo, convence-nos de que o terrivel julgamento é devido á sua influencia.

Oh! A Hespanha official parece animar-se outra vez do espirito dos Torquemadas, de Ignacio de Loyola, e do Vigario d'Osmá (S. Domingos de Gusmão).

O sangue innocente de Ferrer provocará a vingança dos partidos avançados.

Eu já não julgo segura na cabeça do rei a coroa; creio ver um espectro, que lh'a arranca com o applauso de toda a Europa, a quem a escandalosa condemnação de Dreyfus, outra victima dos jesuitas, indignou profundamente.

Se a defeza se referiu á seita negra, que pretendia desfazer-se do promotor das escholas anti-clericaes, independentes, é porque de certo andou a mão occulta e sinistra dos loyolas preparando a morte do seu adversario. Quer fazer-se temida.

Se a defeza accusa a falta de provas, de docu-

mentos, e até de testemunhas, é porque de certo as não havia.

Eis ahí porque são odiados; são perversos, sem escrúpulos, são intriguistas, falsarios, capazes, como sempre foram, de todas as infamias.

A sociedade já não precisa de Frades. — Abaixo todos os conventos.

Governos, deixae combater livremente todas as suprestições e fanatismos.

Puni nos codigos todas as burlas religiosas, todos os que exploram a fé, e a credulidade dos povos.

Estabelecei a eschola moral secular, sem dependencia dos dogmas, sem ingerencia do clero. Fiscalisai o ensino dos seminarios.

Secularisai todos os institutos, mesmo os caridosos.

Que o padre se limite á sua igreja, mas ide saber o que diz dos pulpitos abaixo — O Evangelho é claro, facil é averiguar o que altera a sua doutrina, corrige quem a desvirtua.

O jesuitismo é perigoso, abusa de tudo.

A imprensa reaccionaria, entre nós, approvou e festejou as violencias do franquismo.

Liberaes, álerta,

Almeida Medeiros

## O CULTO

### III

Os primeiros christãos não tiveram nem quizeram templos.

Houve, sim, um christianismo judaizante, mas S. Paulo o desfez, o que se vê na sua epistola aos Galatas—como templos não se reputam as casas particulares, sem caracter sagrado, onde se reuniam as *egregias*, isto é, as associações, que os apóstolos iam creando. Nas suas ssmbléas cantava-se um hymno, depois *uns prophetisavam*, outros *interpretavam*, e tudo acabava por um banquete fraternal (agape) e pela cerimonia, symbolo da mesma fé, e do amor entre os crentes—S. Paulo Epist.

Os judeus hellenistas, os mais faceis em christianisar-se, queixando-se de não serem tão bem tratados como os hebraicos, e de que as viúvas d'estes eram escolhidas em maior numero que as suas para distribuirem os viveres, deram motivo a que os apóstolos

convocassem a assembléa de Jerusalem onde exposeram a diffcultade de continuarem o seu mandato juntamente com o encargo de presidirem ás refeições communs. Então foram eleitos pelos *fieis em massa* sete diaconos, que d'ahi em diante, como administradores supremos, distribuiam os soccorros, regulavam o serviço dos *agapes*, e porque a cerimonia do pão eucharistico os terminava, eram elles tambem, que o reparavam aos assistentes.

Eram os diaconos—note-se—o que basta para nos convencer, de que não se julgava um sacramento, e se nem essa cerimonia exigia um logar sagrado, para que eram os templos?

### IV

Um dos diaconos eleitos foi Santo Estevam, o primeiro dos martyres.

E qual foi a causa do seu martyrio?

Discursando contra antigas formas de adorar induzia os ju-

deus a que abandonassem o culto material de Jehovah; accusado perante o Synhedrio compareceu para defender-se, mas qual foi a sua defeza?

Lançou-lhes em rosto não aceitarem nunca o espirito das escripturas, elevou-se contra a ideia do *altissimo senhor do universo, habitar n'um edificio construido por mão de homens*; em seguida, arguindo-os da morte de Jesus e dos prophetas, o povo e os senadores interromperam-n'o, levaram-n'o para fóra dos muros, e o apedrejaram.

Um phariseu, ainda moço, que ficara guardando as roupas dos assassinos, era S. Paulo; elle mesmo o conta.

D'ahi veio a perseguição dos christãos, que fugiram para a Phinicia, a ilha de Chypre, e para Antiochia; os apóstolos, comtudo, não sahiram de Jerusalem, esconderam-se, e não tardou, que reconstituíssem a igreja; S. Pedro mais tarde, foi preso, evadiu-se, e dirigindo-se ás cidades visinhas converteu e admittiu os gentios sem os circuncisar, *pelo que recebeu censuras*.

O Schisma entre a lei e a nova fé ainda não era completo—duvidava se de que o antigo culto estivesse derogado. S. Pedro assim o pensava, mas condescendeu com a opinião contraria—e S. Paulo, que o reprehendeu d'esse proceder equivoco, não deixou de orar no templo. Mas uma opinião ephemera, hesitante, não pode ser uma crença caracteristica dos primeiros christãos. No terceiro concilio dos apóstolos, ao qual já nos referimos, decidiu-se, que nem os judeus christãos estavam sujeitos aos ritos de Moyses e emquanto aos gentios, que certo era não deverem observal-os.

Essa decisão permaneceu.

Um culto, que fosse o proprio da nova fé, não o houve, nem que o houvesse, seria consentido no templo, e o da lei já não era agradavel ao pae celeste.

«Sacrificios, e offertas, holo-caustos, e oblações, que se offerecem segundo a lei, não quizeste, nem te agradaram.» S. Paulo aos Hebreus—cap. 10, v. 8.

J. Christo aboliu-a expressamente. «Até João a lei e os prophetas, depois de João o reino de Deus evangelisado.» J. Christo completou-a, mas foi realisando as promessas de um Messias—no mais ravogou-a, e alterou-a, aperfeçoando-a, sem resalvar qualquer das suas praticas rituaes.

Mas as catumbas?

### V

Nas galerias das ruinas, d'on-de se extrahiram os materiaes para as construcções de Roma, renham-se os christãos de noite—mas os tumulos e os sarcophagos, ahí encontrados, só mostram representações e allegorias, e não vestigios d'um culto como o dos catholicos.

Nem era para se esconderem, que os novos crentes procuravam esses subterraneos, pois não lhes era possivel frequental-os sem que a policia dos imperadores o soubesse—e muito mais, sendo para lhes servirem de cemiterios, não permitidos em outro sitio os cos-

tumes romanos obrigavam á cremação dos cadaveres e os christãos, como se sabe, recusavam-n'a.

As honras funebres eram muito estimadas por todos os pagões que até instituíram confrarias com o fim de as prestarem aos miseraveis.

A exemplo dos mysterios do Egypto, da Syria, da Grecia, e de Roma, os nazarenos não revelavam, nem aos neophitos, o fim e os actos das suas reuniões, e por isso escolheram para ellas as catacumbas, e as casas retiradas, e não porque as auctoridades romanas lhes tolhessem um culto qualquer. O imperio conformava-se com todas as religiões, o que não consentiu foi a propaganda contra os cultos já estabelecidos. Foi perseguidor, mas por isto.

O que levava a mal, pelo contrario, era não terem os christãos um culto publico, e as suas assembléas noturnas e secretas davam logar a apprehensões e a calumnias.

As catacumbas foram frequentadas até ao seculo doze—e desde o segundo começaram as aberrações doutrinaes e disciplinaes. Se Antonio Boso, no seculo XVII, viu lá capellas e altares, não podem estes datar senão d'aquella epoca em diante. (Roma Subterranea 1632).

Nas suas pinturas vê se Mercurio trazendo as almas ao tribunal supremo, onde Jesus e sua mãe substituem Plutão e Proserpina. Vê-se Orpheu, as sibylas, e as musas, de mistura com os anjos—o gallo annunciando a manhã do dia eterno—o golpinho que significa a viagem para a felicidade—e outros symbolos, a lerra, a ancora, a barca com a vela, o cordeiro, a vinha e os sarmientos, etc. etc.

Negara Tertulliano, que ahí se visse a imagem do bom pastor, o que bem prova não existir entre os primitivos christãos outro culto além da oração em commum. Visto que a este padre da igreja tanto repugnava admittir uma imagem sequer, uma representação de J. Christo.

Dos sarcophagos nenhum é anterior ao decreto de Constantino. —(Mabillon—Musen Italico)

O mais antigo, pois, é do seculo IV. As esculpturas da primeira epoca, como se everiguou, são todas allegoricas—nem isso já se discute.

O Crucifixo não apparece entre os emblemas.

Aos christãos do 1.º e 2.º seculo para que serviria capellas e altares, se não tinham imagens? Se não tinham santos, que adorassem? se até os judeus odiavam qualquer forma dada á divindade? Se havia apenas uma cerimonia, representativa do corpo e sangue de Christo, ou da sua presença? E por tanto nas catacumbas não podia haver no começo um rite, que destoasse do character attribuido a essa cerimonia.

S. Paulo fundou muitas igrejas, e das suas reuniões nada descreve, que não seja o que affirmamos.

«Não ha duvida, dizia Lactancio, que toda a religião falta, onde o culto admittie imagens».

Inst. Divinas—1—2—cap. 19.

«E' nos prohibida, dizia S. Clemente de Alexandria, qualquer representação do que está no ceu ou terra». «Adorar materialmente a essencia divina é degradal-a ao nivel dos sentidos». S. Clemente. Ad monit. ad gentes pag. 40 e 61. Stromat—1. 5—pag. 547 e 550.

Sobre este assumpto já citamos demais os santos padres.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

## Questão á parte

...«E tanto que nem coxeamos, nem o insultamos!

E' assim que o «Regenerador-Liberal»; que por signal é reaccionario, termina um *artiguelho* que publicou no seu ultimo numero, contra nós dirigido e aonde claramente resalta a calumnia, por mais que tentasse encapotal-a.

Volta com a *questão da cêra*, que diz ser um *boato*, que principiou a correr quando o nosso jornal rompeu fôgo contra a *Companhia Sallesiana*.

Ora o «Regenerador-Liberal», que esteve vae-não-vae, a ser «Progresso», mente em parte e em parte diz a verdade.

Mente quando affirma que tal *boato* correu em publico, pois é certo que elle apenas passou da bocca do director sallesiano para a redacção do ex-«Progresso» e d'ahi para o bico da pena do articulista infeliz que a nossos olhos não passa, como já l'ho dissemos, d'um pobre *testa de ferro*.

Mente ainda quando diz que não insulta, por quanto é certo que o ex-«Progresso» nasceu com o insulto nos labios—o insulto baixo, desbragado e infame.

Mas diz a verdade, talvez mesmo sem o querer, quando affirma que o tal *boato* principiou a correr (mas só em familia) quando rompemos o fogo contra os Sallesianos.

E' exacto, exactissimo,

Essas creatureas que não têm defeza possivel—quer arranjem *testas-de-ferro* quer não, seccumbindo ao peso dos nossos argumentos absolutamente firmados na razão, na verdade e na justiça, lançaram mão da intriga miseravel, só propria das almas mesquinhas para abocanharem a reputação d'aquelles que não temem as suas arremetidas quixotescas, julgando que assim nos levariam de vencida, mas enganaram-se os hypocritas os intrujõesitos.

Os *thalassas* vêm então em nome d'essas toupeiras perguntar o que é isso da *questão da cêra*...

Não lhes respondamos, a elles explicando esse caso, pois não lhes devemos a menor satisfação, mas muito nos apraz elucidar o publico em geral e os nossos leitores em especial sobre esse assumpto, que é a formal condemnação de quem *pedosamente* o transmittiui ao gazetilheiro *testa-de-ferro*.

Ahi vae, pois, a historia da *cêra*:

A firma «Pinho e Irmãos» com estabelecimento na Praça d'esta villa, forneceu a *cêra* para a fes-

tividade dos Passos, no corrente anno.

Essa festividade reduziu-se ás ceremonias costumadas adentro da igreja, pois que a procissão, devido ao mau tempo, apenas percorreu o pequeno trajecto da igreja ao Calvario.

Claro está toda a gente o sabe—que a despeza da cêra n'aquella festividade é feita sómente na igreja e respectivas capellas, nenhuma outra se gastando com a procissão, a não ser a insignificante quantia do aluguer.

Pois não querem saber os nossos leitores o que espalhou em família, já se sabe, o director sallesiano, que á data da referida festividade era também juiz da Irmandade dos Passos?

—Nem mais nem menos do que isto:—Que a despeza da cêra fóra illegal, pois não se tinha realiado a solemnidade costumada, em vista de não o permitir o mau tempo.

Mas agora o melhor:

Afirmava isto o homem que tinha sancionado com a sua assignatura o mandado, authorisando aquella despeza que se fez adentro da igreja e nas capellas dos Passos exactamente como nos annos anteriores!!

Parece mentira, mas não é! E porque procedeu assim esse homem?

Sómente pelo facto de um dos representantes da firma Pinho e Irmãos ser o proprietario d'este jornal que n'uma questão de moralidade, apenas de interesse geral, tem combatido dura mas lealmente a Companhia sallesiana que por uma forma reconhecida **illegál** assentou arraiaes n'esta villa, praticando dia a dia actos que repugnam ao bom senso e a moral, e cometendo abusos que chegam a ser criminosos.

Ora eis ahi a questão da cêra. E isto, nada mais, mas é o bastante para desmascarar os hypocritas que pretendiam manchar com as suas perfidas insinuações e baixas intrigas o caracter de pessoas cuja reputação está fóra do alcance da baba que se lhes exparrinha dos labios acostumados á mentira.

Já lh'o dissemos por mais d'uma vez e voltamos a repetir-lh'o.

O gazetilheiro *thalassa* que, pelo visto, tem geito para alcoviteiro, havia de saber muito bem o que era a tal *questão de cêra*, mas se o não sabia fica-o agora sabendo, depois de ler estas explicações que damos aos nossos leitores.

Assim provado fica que o ex-«Progresso» mais uma vez *coxeou* e *insultou*.

—Com respeito á logica de que lançou mão para tentar provar que tardiamente começamos a combater a escola (?) sallesiana nada respondemos por simples commiseración.

E' uma logica de ignorante ou de velhaco e nós temos verdadeira pena de que o ignorancia ou a velhacaria sejam os unicos louros com que possa exornar a sua *testa de ferro* o malfadado gazetilheiro *thalassa*.

Não nos sobra tempo nem espaço para gastar, por hoje, com tão ruins creaturas, mas o prometido *sudario* ha-de desenrolar-se, podendo a orchestra afinar as gaitas para o respectivo *misc-répe*.

## NOTAS D'ALDEIA

No campo, é pura verdade que a estupidez avassalla os cerebros da população. Todavia não, devemos temer essa ignorancia, porque d'ahi deriva a ingenuidade, a innocencia.

Desconhecedores de *assmptos avançados* inaptos a offender a sociedade com quem convivem. E não existisse a ignorancia, para que em face d'ella se salientasse a sciencia, com certeza seria bem critica, se não impossivel, a existencia mundial.

Ha dias, n'um colloquio entre um pobre aldeão ouvia eu:

—Oh! snr. X...., se fossemos todos fuios, quero dizer, se as nossas intelligencias se egualassem, não haveria quem se deixasse *comer*, e viveriamos então em fracas circunstancias.

—Sim; não ha duvida que deve haver sempre uma diferença de potencia intellectual, sem a qual não poderia haver estas correntes continuas d'ideias.

Assim, por exemplo, que me diz o snr. acerca do divorcio?

—Oh! meu snr. falla tão *difficil* que eu não o comprehendo. E antes que lhe queira responder, diga-me, que vem a ser isso de divorcio?

—Então o snr. não sabe que *vae haver* uma lei que permite a gente *descasar-se* quando quizer e tornar a casar novamente?

Não sabe que um homem pode ficar novamente como solteiro, e uma mulher nas mesmas condições?

—Olhe, snr., não sabia de nada d'isso, o que me mette medo mas se me falla a *serio* com certeza que vou fugir com a minha Joana, que é *velha já*, mas o diabo é *tendeiro!*...

—Oh! homem, isto não é coisa para fugir; é só para quem quer

Ora supponha que o snr. não se entende bem com sua *esposa* e que não podendo viver assim se quer *descasar*, separar, e casar com outra, de *seu gosto*. Já vê que o pode fazer pela nova lei que elles vão votar.

—Pois sim, snrs. mas se ella gostar d'outro homem, ainda que eu não queira ella pode fazer-me a mesma coisa?

—Clarissimo como a agua da fonte.

—Oh! S. Francisco que me havia de apparecer para os ultimos momentos da minha vida.

Tanto tempo vivi com minha mulhersinha, tão minha amiga, *dando-nos* como duas creancinhas e agora apparece esta maldita leil! Por favor nada lhe diga senão.....

—Oh! homem até convem que ella saiba d'isto; porque assim desconfia sempre de si e o snr. d'ella de modo que é a melhor forma para cada vez, terem mais «amor» um ao outro!

—E, diga-me, essa coisa também é para as gatas?

—Não, homem, porque faz tal pergunta?

—E' porque eu tenho alli dois gatos (isto é um gato e uma gata) que se *dão* muito bem, e eu antes queria morrer que os ver separados!

Mas logo que não é, graças a Deus que ahi ficam os gatinhos, os caesinhos, as gallinhas, tudo em harmonia e paz.

—Olhe lá o snr. não dá o seu voto Roboredo e ao Bramão?

—Que quer dizer com isso?

—E' que são os dois que fizeram a lei!

—Cruzes, agua benta. Tragamos aqui a este curral que eu lhe darei as botas!

—Quaes botas! Não é de botas que se trata, é de votos para a eleição!

—Ah! sim, pois muito peor. Como amigo não torne a fallar-me em tal cousa.

—Bem, meu homem adeus!

Bem dizia você que nem todos fuios nem todos tolos.

E, Moreira.

## NOTICIARIO

### TEMPO

Tem sido muito irregular, e, ultimamente, já se tem sentido frio.

E, se bem não nos enganamos já tem cahido neve.

Não ha duvida. Se ainda não estamos no *inverno*, estamos pelo menos á porta d'ella...

Fique-o sabendo, quem ainda o não soubér.

## PESCA

Devido ao mar se ter encontrado agitado, não tem havido trabalho de pesca.

### ... PARA QUEM CONVIÉR

Ha hoje na Europa e na America um grande numero de mulheres que possuem collossaes fortunas.

M.<sup>me</sup> Harrimad, viuva do antigo rei dos caminhos ferro nos Estados-Unidos, gosa os rendimentos d'uns cem mil contos de reis.

M.<sup>me</sup> Russel-Sage, M.<sup>me</sup> Annie Walker e M.<sup>me</sup> Krupp, possuem tambem cada uma cerca de oitenta a cem mil contos de reis.

Ha ainda uma duzia de creaturas... femininas cuja fortunas varia entre vinte a sessenta mil contos. As que possuem «apenas» cerca de dez mil contos de reis são em numero incalculavel.

Ahi deixamos aos leitores a relação d'alguns... magnificos partidos.

## ANNOS

Fazem annos: hoje, o snr, Anthero Cardozo, e, no dia 19, o snr. Carlos Alcantara Riffa do Gama Baptista, intelligente pharmaceutico, d'esta villa.

A ambos, os nossos sinceros parabens.

## BENEMERITOS

Os nossos amigos e conterraneos Saramago & Irmão, com estabelecimento commercial em Nitheroy, E. U. do Brazil, acabam de enviar á commissão executiva da futura Misericordia d'esta villa, a quantia de 200\$000 reis fortes.

Bem hajam aquelles que nunca esquecem a terra que os viu nascer.

## Tarifa Camararia

Eis os preços dos diversos generos vendidos no mercado d'esta villa no dia 29 de Setembro de 1909, os quaes ficam constituindo a tarifa Camararia d'este conce-lho:

Trigo, 40 litros	1\$020;
milho branco, idem	700;
dito amarello, idem	680;
centeio, idem	680;
cevada, idem	560;
feijão branco, idem	970;
dito vermelho, idem	1\$000;
dito rajado, idem	850;
dito amarello, idem	850;
aveia, idem	360;
painço, idem	700;
pão meado, idem	850;
batata, 15 kilos	360;
vacca, 1 kilo	280;
manteiga, idem	800;
cêra, idem	600;
linho, idem	420;
azeite, 1 litro	260;
vinho grosso, idem	030;
ovos, cada cento	1\$500;
gallinha	600;
frango	300;
melancia	050;
melão	040;

## Benificencia Escolar

A respectiva commissão, tendo admittido os 15 pretendentes que requereram o subsidio para este anno lectivo resolveu abrir novo concurso até ao fim do corrente mez para o preenchimento de 20 vagas de supplentes que vão preenchendo as que se derem durante o anno.

Ficam, pois avisados os interessados que podem dirigir-se para qualquer esclarecimento aos vogaes da commissão ou aos professores officiaes.

## DESPEDIDA

A *Palavra*, jornal portuense, escreve o seguinte, que gostosamente registamos:

Marco de Canavezes—6.—Acaba de apresentar as suas despedidas aos parochianos da freguezia de Taboado, o rev. Antonio Dias Borges, natural d'Ovar, que por alguns mezes parochiou aquella freguezia a contento de todos.

Muito zeloso no cumprimento dos seus deveres e dotado d'uma grande lhaneza de trato e de affabilidade, captou as sympathias de todos, pelo que deixou fundas saudades.

O rev. Borges, apesar de novo ainda, é um orador distincto, tendo d'isso dado sobejas provas, quando por vezes fez ouvir a sua palavra eloquente.

O sympathico ecclesiastico embarcou hontem no comboio correio da tarde, na estação do Marco, até onde foi acompanhado por alguns amigos.—

## PATRICIOS E AMIGOS:

Sant' Anna e S. Thomé, 20.

O promettido é devido, e como um padre não póde, ou melhor, não deve faltar á sua palavra, tratarei hoje do cacoeiro, a unica riqueza, por assim dizer, desta ilha.

O cacoeiro é oriundo da America. Em 1520, epocha em que os hespanhoes conquistaram o Mexico, paiz já então poderoso e civilizado, o chocolate constituia o principal alimento dos povos que o habitaram.

Diz-se que os mexicanos estimavam tanto esta planta que, tendo necessidade de crear uma moeda para facilitar as suas transacções commerciaes, escolheram, por um sentimento de gratidão, o grão de cacau como unidade monetaria. Os hespanhoes e os portuguezes foram os primeiros povos da Europa que conheceram e usaram o cacau, occultando, durante muito tempo, as nações europeas os mysterios desta descoberta.

Mais tarde grande numero de fabricas de chocolate foram creadas na Hespanha, e ainda hoje são os nossos visinhos uns dos principaes consumidores de chocolate. Haja em vista esses reclames, que nas nossas estações dos caminhos de ferro, apregoam verdadeiras maravilhas, e como elles apresentam uma pessoa antes de tomar o chocolate e *depois*. O nosso povo, porém, consome em pequena quantidade esse precioso alimenton, e conquanto não tenha dados para explicar essa recusa do nosso povo, não o sensuro, porque eu também não faço uso d'elle, embora os nossos medicos lhe reconheçam grandes propriedades alimenticias. Seja, como fôr, considero-o uma bebida muito quente, e calor de sobra temos nós.

O cacoeiro para produzir bem deve ser cultivada, podada, etc. só se desenvolve em terrenos quentes, e nunca excede a quatro ou cinco metros de altura. A póda faz-se para adquirir maior numero de ramos é para facilitar a apanha do fructo. As flôres nascem desde o pé da arvore até quasi ao extremo dos ramos.

O cacoeiro floresce todo o anno, e é raro encontrar-o sem flor e sem fructo. A flôr succede um fructo, assemelhando-se a um pequeno melão, dividido por sulcos mais ou menos profundos, chamado caponda, que contem as amendoas ou grãos, cujo numero varia de trinta a quarenta e cinco.

A riqueza d'esta planta consiste não só no bom preço porque o seu fructo se vende, mas, principalmente, por ser uma arvore que produz todo o anno. Esta abençoada planta foi introduzida nesta terra em 1822, não se encontrando actualmente terreno algum onde o cacoeiro não floresça, excepto, é claro, o terreno improprio, porque o ha também.

Não tenho nesta occasião a estatistica alfandegaria para poder, com certeza, fallar da producção destes ultimos annos, mas isso pouco importa; basta saber que em 1900 a producção de cacau foi de 11:428.895 kg. e o valor 3.200:690\$600 rs. Actualmente o preço é inferior, mas como a producção é muito superior, calculem os meus amigos a riqueza d'essa arvore, ou antes de quem a possue em quantidade. Até ao outro vapor. Continuo passando bem.

P. Brandão.

## CORRESPONDENCIA

Arada, 5 d'Outubro

Realizou-se, no domingo ultimo, n'esta freguezia, a festa escolar, havendo sessão solemne presidida pelo Rev. Padre Rezen-de que abriu a sessão, fazendo uma allocução de somenos importancia, não despertando a attenção do auditorio.

Fallou, tambem, Joaquim José dos Reis, conhecido por o «*Pa-deiro*», cujo discurso foi um verdadeiro fiasco, despertando, innumeras vezes, a gargalhada.

Não ha duvida, de que tem dotés oratorios, mas... falta-lhe o melhor...

Seguiu-se-lhe Manoel de Pinho Moreira, o «*Beira-Mar*», rapaz sympathico e modesto, que produziu um bom discurso, agradando bastante.

Este moço entrega-se ao ensino particular, sendo a sua escola muito mais concorrida do que a official, não obstante importar isso um sacrificio para os paes das creanças, que têm de pagar a respectiva remuneração.

Houve recitação de poesias e allocuções por algumas creanças, havendo-se todos muito regularmente.

No local da festa, tocou a phylarmonica de Vallega.

Tudo correu na melhor ordem.

—Competentemente informado, tenho a declarar que é redondamente falso tudo quanto a «*Discussão*» diz relativamente ao Rev. Parocho d'esta freguezia, a respeito de muzica e festa escolar.

Não admira que *alguem*, abrigo dentro dos *tempos* um odio hypocrita, se sirva d'umas miserables creaturas para propalar infamias e vilannias.

Quando alguns musicos passaram á residencia parochial, e um d'elles se dirigiu ao Parocho, perguntando se vinham á igreja este apenas lhe disse que tocassem no local da festa, pois que, na igreja, haviam actos religiosos do costume (*terço* e *benção* do SS.) ordenados pelo Prelado e pelo Summo Pontifice.

Pela mesma razão, não assistiu, o Parocho á festa escolar; isto é, por ter as suas obrigações a cumprir na igreja, e essas cumpriu e sempre as cumpriu esrupulosamente.

E sendo esse o seu dever, não devia abandonal-as para acompanhar fosse que *festa* fosse.

As obrigações estão em primeiro logar; e quem assim não pensa não pode ter senso commum.

—O facto de o Parocho não contribuir para a festa escolar deve attribuir-se, decerto, a elle não ter procurado a porta do professor para receber os seus direitos parochiaes, que, segundo o costume da freguesia seriam o minimo de 1\$000 reis.

Parece que o snr. professor devia contentar-se com essa importancia!

Se os membros da Commissão se retrahiram não foi porque algum os instigasse a isso.

Será porque o professor colhe todos os annos as quotas dos paes dos alumnos e de qualquer que subscreve, sem querer saber do thesoureiro, nem da Commissão, nem dando contas da receita nem da despeza?

Será?!.. E' provavel, senão certo.

Não pode haver uma unica pessoa que diga desassombradamente que o Parocho dissuadisse alguem de contribuir para a festa escolar, assim como não ha, da mesma forma, quem affirme que elle aconselhasse alguem a não gastar pão da padaria do tal Reis.

De resto, toda a gente em Arada conhece a probidade, honra e dignidade dos *dois escrevinhadores* da «Discussão» e dos que, por detraz da cortina os aticam.

Todos têm os mesmos sentimentos, a mesma educação, a mesma probidade.

Os *dois* têm, no passado, bem claro, o que são como maridos, como paes e como homens.

E fico por aqui... por hoje.

A. C.

SNR. REDACTOR DO JORNAL D'OVAR

Bem comprehende a necessidade de se defender que assiste a todo aquelle que grosseiramente é atacado; e por isso a sua grandeza d'alma e espirito de justiça mais uma vez me dispensarão um logar no seu jornal para responder ao Snr. dr. Lamy, e Veiga, de Vallega. Respondo aos dois no mesmo logar, porque os julgo dois irmãos unidos no ataque que me dirigem.

Todo o seu odio, toda a sua grosseria: contra mim vem do facto de me referir aos dois na defeza d'um constituinte meu injustamente preso e accusado por um d'elles, pelo regedor Veiga—A este no tribunal me referi com a indignação e com o sentimento de justiça que me são proprios quando um semelhante meu é victima d'uma injustiça, e principalmente quando essa victima é obra do abuso da auctoridade. Os que me conhecem, os que assistem á exteriorisação dos meus sentimentos e actos da minha vontade não deixarão de confessar que vêem em mim uma pessoa socegada, excepto quando alguem me provoca um grito de justiça contra a injustiça—Repugna-me o viver do verme no homem, porque tenho para mim que todo o homem que vive como o verme não tem direito a queixar-se de que os outros o calcem aos pés.

Disse, e porque não o havia de dizer, que detestava *toda a auctoridade* que sahia para fóra do exercicio da sua acção legal, que esta auctoridade era o peor dos inimigos da sociedade, que era o peor dos anarquistas. Irei-me, porque o direito também se ira e d'ahi sai a revolução que foi sempre e será o resgate da humanidade opprimida pela injustiça.

O réo foi libertado; e o participante Veiga, regedor e Juiz de Paz, foi ali julgado pela opinião do tribunal, como já antes era julgado pela opinião publica,—homem odiento e um regedor vingativo.—Prendeu o réo, sem motivo ter para o prender. Sempre a vingança, sempre o odio... sempre o odio! Preso, remette-o á auctoridade administrativa, impun-do-lhe o supposto crime de desobediencia, sem crime de desobediencia commetter. Sempre a vingança, sempre o odio... sempre o odio!

E' remittido ao digno juiz da comarca, não já como tendo commettido o crime de *desobediencia*, mas o crime de injurias e resistencia á auctoridade, sem este crime haver commettido! Sempre a vingança, sempre o odio... sempre o odio!

A justiça do tribunal libertou o réo. Veiga, regedor e juiz de paz... regedor e juiz de paz... como a justiça está entregue em Portugal... rangeu os seus tigrinos dentes, e lá foi a caminho de Vallega, pseudo-deus Vulcano, jurando pelos martellos da sua forja morder-me, dizer ao irmão unido que eu calumniara este, quando é certo que me referira ao seu nome, mas sem calumnia, sem aggressão, como já disse, e como pode *colher* a verdade do que affirmei pelas pessoas desinteressadas, sim *colher*, snr. Dr. Lamy e porque a verdade também se *colhe* como no campo colhe o trigo o lavrador, e, na paisagem, a belleza o artista.

Disse no tribunal qual a origem da prisão do réo pelo Veiga, qual a sua determinante, e agora Veiga diz que «é falso que andasse de mal o com o réo, embora dois ou tres meses antes da prisão esse réo se mostrasse um tanto zangado».

Quer o *homem* dizer que elle e o réo foram sempre dois *namorados*... sempre muito amiguinhos... só com umas zangas proprias de *namorados*!

O irmão unido, esse vae dizendo que os *novos* nem sempre se deram bem, mas que a causa d'essa malquerença foi «união e exclusivamente» motivada por uma sentença proferida pelo juiz de paz, «que também é o regedor da freguezia» numa acção de divida que intentará contra Manuel Costeiro, de Val d'Agua, sentença esta que foi confirmada no juiz d'Ovar.

Está enganado, snr. dr. Lamy, e mente snr. Veiga.

A inimizade contra o réo vem de mais longe.

No tempo do regedor Mendonça reu, por Veiga se recusar a prestar um serviço publico áquelle fez com que fosse preso, Veiga ficou amiguinho. Um Narciso e Margarido...

Ha quantos annos vai isto, mas o tempo não consomme breve tudo! Deixa muito cousa na lembrança dos homens, deixa! Veiga não esqueceu ainda que foi esse réo que fez tudo o que foi necessario para o pôr fóra da tutoria dos filhos de José d'Oliveira, e as razões que o expulsaram não dão premio nem lustre a ninguém. Veiga não esqueceu, não. Se o tempo não consomme breve tudo...!—E já lá vão muitos annos! Oh! desse dia em que prendeu o réo por este o increpar d'haver feito com que fosse incluído na matriz da contribuição industrial, d'esse dia em que lutaram como duas feras braço a braço, também o Veiga se lembrou! Também o Veiga se lembrou! E já lá vão tantos annos... O tempo não apaga tudo! São factos, e a memoria dos homens conta-os e entrega-os á historia.

O réo Henriques, em Vallega, tem sido uma sombra negra para o Veiga—Odeia-o e teme-o.—Porque? Diz o Veiga que é por ser seu *namorado*, por ser o seu *queridinho* Narciso! Ora valha-nos o senhor do *Grello* e todo o seu *Parentello*.

E' um amor de gato este amor entre os dois: Veiga quando o quer encher de caricias de Judas chama-o e diz-lhe entre edificantes cousas, esta: «Tio Henriques você não se oponha á esta cousa das certidões d'obito; quero crear uma receita para o medico, (Dr. Lamy), porque este precisa, visto que inda não tem partido definitivamente» «Nós precisamos aqui d'elle, e elle não pode aqui sustentar sem os elementos precisos. «Isto é só para os não avindos» «Demais a mais isto não é consigo, você não paga nada»

Porem, quando o quer *arranhar* prende-o, tendo dito anticipadamente que o havia de prender, só se elle Henriques não fallasse contra as taes certidões a preço de 500 reis cada uma.

Henriques fallou e Henriques fez propaganda contra a *tal creação de receita para o medico*, e Veiga prendeu-o sem razão para o prender, como é publico e notorio, e como o tribunal da comarca decidiu.

Esta propaganda, snr. dr. Lamy «é anterior á occasião em que o reu tivera do Juiz de Paz, que é também o regedor da freguezia, uma sentença desfavoravel numa acção de divida que intentara contra Manuel Costeira de Val d'Agua» e é anterior á «*data do fallecimento do anjinho da Corga do Sul, ha cerca d'um anno*».

Não é verdade, snr. Veiga! Mas olhe que o que affirmo e affirmei não é por mim inventado porque é por si realzado em annos da era de Christo.

Mas é só isto que lhe pertence? Não. E' homem de mais meritos. Gosto de dar a cada um o que lhe pertence.

Por isso aqui lhe mando, por hoje, para honra e gloria sua estes seus meritos e mais partes:

«Eu Manuel José Lino Péres de Rezende tratei em setembro de 1909 do funeral de Bernardo Pereira Sal-

gado, de Carvalho de Baixo; de Vallega; e no dia do funeral, de manhã, fui ter com o regedor, e pedi-lhe o impresso para ir ao medico, afim d'este me passar a certidão d'obito». «O regedor (Veiga) perguntou-me quem era o medico a que ia».

«Disse-lhe que o medico que visitara o fallecido fóra o Dr. Abreu Freire, d'Avanca».

«Disse-me o regedor Veiga que não fosse a Avanca, que fosse ao medico Lamy, e que lhe desse 500 reis, que elle me passava a certidão» «Eu não acceitei, e fui para Avanca, mas não encontrei o medico, e não trouxe a certidão nesse dia, deixando o regedor Veiga enterrar o cadaver sem certidão nesse dia, entregando-lha eu no outro dia de manhã».

«Eu Antonio Martins d'Oliveira, das Poças de Gonde tratei do enterro de João Valente Realeiro, da Ervideira de Vallega, fallecido em 2 de fevereiro de 1909; e nesta qualidade dirigi-me ao regedor para me dar o boletim». «Nesta occasião o regedor Veiga perguntou-me quem tinha sido o medico assistente, e dizendo-lhe eu que havia sido o Dr. Abreu Freire, Avanca, o mesmo Veiga me retorquiu que então fosse a este medico.» «Observei-lhe que estava para Aveiro, e que me não podia passar a certidão a tempo de se effectuar e enterrar».

«Então arranja-se cá, é questão de 500 reis, respondeu Veiga».—«Eu, porém, afim de evitar despezas, que não eram devidas, á familia do fallecido, escrevi ao sub-delegado de saúde Dr. Amaral, narrando-lhe tudo isto, e pedi-lhe que verificasse o obito, passando a repectiva certidão, ao que este mesmo senhor Dr. Amaral annuiu, e nesta occasião fez ver que, de futuro e em taes casos, devia verificar o obito e passar a respectiva certidão o medico municipal» (que já era o snr. Dr. Lamy).

Querem mais, senhores? Inda ha cá mais, vivinhos, vivinhos.

Fallam como *doutores*. Parecem personagens de romance, e são homens de Vallega, vivinhos, vivinhos a falar dos meritos do snr. Veiga e mais partes queridas.

São homens de Vallega, repito que fallam e narram os factos que tenho referido em toda esta defeza no ataque virulento que me tem dirigido.

Eu não os invento. «Intime, snr. Veiga, intime não, porque não tem auctoridade nem legal nem moral para intimidar ninguém, mas, visto eu apresentar factos que contesta e diz serem falsos faça com que estas pessoas que nos trazem sejam convencidas de que não dizem a verdade»

Não se abone com elogio proprio: Todos sabem quem é nesta terra quem tem sido, como todos sabem quem eu sou e que tenho sido.

Deixe-se d'essa phantasia de respeitos magistrados nesta comarca como quem diz: Eu fui sempre por todos elles respeitado, e entre elles sou «tu cá tu lá»—Olhe que se o lêem enojam-se da babosice e pegam-lhe esta nas bochinhas: «Que pandego, se o nomeamos louvado foi porque não o impingiu a politica ou o amigo a quem servimos; se é juiz de paz, e regedor isso o deve á politica que lhe paga o caciquismo».

E que lhe parece isto? Bem, não é verdade? Realmente tem razão?

O seu caracter não é o meu. Agradeço essa differença que nos separa a Deus e aos homens que nos hão-de julgar com melhor justiça do que aquella com que me trata.

Chama-me interessado na minha profissão.

Interesseiro porquê? Porque na defeza dos meus constituintes exgote o ardor da minha, e no sentimento de justiça emprego a maior das minhas luctas? Se é esse interesse a que se refere, abençoado interesse todos lhe chamarão—A lucta pelo direito é a poesia do trabalho, é o amor da humanidade. E a lei da atracção humana, lei fundamental da existencia das sociedades em progresso

Se me chama interessado, porque quer mentir á sua consciencia então invocarei em minha defeza: Os

meus deixaram-me alguns bens, e já os não tenho todos. Os paes da minha esposa deixaram-lhe alguns bens, e já os não temos todos. Não somos gastadores, jogadores ou prodularios.

Não temos tantos banquetes nem luxo que se note, etc., etc

Não vamos a praias ou thermas. Não fazemos dispendiosas viagens.

Trez pessoas que se contentam com pouco.—Trabalho, como advogado, e dizem os outros, os outros snr. Veiga, que eu não me sei pagar dos serviços que na minha profissão presto—E não tenho mundos nem fundos!

Que interesseiro que eu sou!

Que character que eu tenho! Posso uma grande riqueza n'uma joia que tenho: E' uma certã onde a criada frita o beefs e eu a pelle de todos os que injustamente me querem tocar na minha.

José A. d'Almeida.

Arrematação

1.ª PUBLICAÇÃO

No dia 7 de novembro proximo pelas 10 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial de esta comarca sito na Praça d'esta villa e no inventario de menores por obito de Manuel Nunes, que foi da Murteira de Arada, volta pela segunda vez a praça e no valor de 40.000 reis umleira de terra lavradia, sita no mesámo logar e freguezia, chamada a Lagôa, de natureza allodial.

Para a praça são citados quaesquer credores incertos.

Ovar 5 de outubro de 1909

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito  
Ignacio Monteiro

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abregão

Concurso

A Direcção da Associação dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa faz publico de que por espaço de 15 dias a contar da publicação d'este annuncio se acha a concurso o logar de chaveiro d'esta benemerita Associação com o ordenado annual de 72.000 reis sujeito ás condições do respectivo regulamento e outros que estão patentes na secretaria

Ovar, 14 de outubro de 1909.

O Presidente,

João Maria Lopes.

CASA

Vende-se uma, na rua das Rbas, d'esta villa, com quintal e poço, que foi do fallecido mestre d'obras Manoel Joaquim da Siiva Valente.

Para tratar, com

Guilherme d'Oliveira Corrêa

Rua das Ribas

OVAR

LIÇÕES

Lecciona-se francez e nabilita-se para exame de instrucção primaria 1.º e 2.º grau, tanto em casa das alumnas como na Rua de S. Bartholomeu n.º 37.

Acceitam encomendas de flores artificiaes, e da-se lições das mesmas.

ADOBES

Bem fabricados e de boa massa. Terra propria para construcções solidas. Vende a preços convidativos.

FRANCISCO CORRÊA DIAS

Rua do Loureiro  
OVAR.

OFFICINA DE GUARDA-SOES

DE

Antonio da Fonseca Bonito

Rua dos Ferradores

(Arruella)

OVAR

N'esta officina encontra-se á venda um variado sortido de guarda-soes de brilhantina setim, alpaca, lanzinha, e d'outros tecidos, por preços baratissimos;

Ha também bengalas, e encastoam-se estas em prata e outros metaes.

Concertam-se guarda-soes e cobrem-se de novo, em uma hora havendo também lindos cabos avulsos para os mesmos.

Concertam-se armas e revolvers e continua-se a fazer christos em prata, metal branco e amarello para rozarios e redomas, varas de prata para imagens de S. José, alfaias de egreja e ornamentos para redomas e oratorios.

Concertam-se, limppam-se e coram-se castiças, salvas, lampadas, bules, paliteiros resplendores, corças e todas as pratas,

Encadeiam-se rozarios e terços com fio de prata, ou qualquer arame, e fazem-se todos os trabalhos concernentes á sua arte, por preços muito modicos e com promptidão.

—Ha também á venda grande sortido de calçado para homem e creança, sapatos de verniz e de cór, chinellos, tamancos para mulher, para homem e creança.

Mercearia, Tintas, Ferragens e Miudezas  
ARMAZEM DE

CEREAES E LEGUMES

DE

ABILIO JOSE' DA SILVA

CIMO DE VILLA

OVAR

N'este estabelecimento, o mais importante que se acha ao nascente da linha ferrea, em Ovar, encontrará o publico o mais completo sortido que possa haver em casas n'este genero, por preços os mais rasoaveis do Mercado.

VENDA DE PREDIOS

EM

OVAR

Vendem-se duas moradas de casas, sitas na rua da Pôça e Viella do Mattos.

Um palheiro na costa do Furdouro junto da Fabrica de Conservas e quatro Pinhaes sitos nas Mattas do Brejo e Enxemil.

Tratar com

FRANCISCO LOPES

CADAVAL

(ou Manoel Gomes Laranjeira)

R. DA GRAÇA

# ADEGA DO LUZIO

Do entrudo a esta data  
Que de folga tenho 'stado,  
N'uma vida tão pacata,  
Tão santinha, tão beata,  
Que me sinto... *abeatado*...

Todavia, em tempo santo,  
Não extranhe, pois, *vocencia*,  
Que, mettido n'este canto,  
Tenha só tratado tanto,  
De limpar a consciencia!...

E s'alguem quiser *limpal-a*,  
Ficar limpo, bem limpinho,  
Tão limpinho, que regala,  
Deixem lá fallar quem falla,  
—Do **Luzio** gastem vinho...!

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-  
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

**ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR**

# MERCEARIA PINHO & IRMÃO

— LARGO DA PRAÇA —

Os proprietarios d'este estabelecimento, na  
certeza de que sempre satisfizeram o melhor pos-  
sivel aos seus freguezes, no preço e qualidade  
dos seus generos e artigos, convidam o respeita-  
vel publico a visitar o seu dito estabelecimento,  
onde encontrarão além de todos os generos de  
mercearia; um variado sortido de miudezas, ar-  
tigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, arti-  
gos de latoaria, vinhos da Companhia e outras  
marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

## MONTEIRO & GONCALVES

RUA DOS MERCADORES, 171—NÃO CONFUNDIR COM IMITAÇÕES

A UNICA NO GENERO QUE TRABALHA MAIS BARATO

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

**PORTO.**



## O GABÃO ELEGANTE

DE  
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho  
mais conveniente e elegante contra o  
**Frio, Vento e Chuva**  
e o mais commodo para viagem. E se quereis  
o verdadeiro só o encontrareis na  
**ALFAIATERIA DA MODA**

de **ABEL GUEDES DE PINHO**

**ALFAIATE NATURAL DA CIDADE DE AVEIRO**

DEPOSITO DE BYCICLETTE  
**RILEY**

E outras marcas; todas as pe-  
ças precisas para as mesmas. Con-  
certam-se bycicletes

Preços sem competencia



Machinas de Cos-  
tura das bem conhe-  
cidas e acreditadas  
marca "Opel".

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura da acreditada marca «OPEL» são, indubitavelmente, as unicas que poderão preencher  
todas as exigencias no freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de qualquer idade; o seu ponto elegante torn-  
estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tambem de um encantador e maravilhoso effeito em todos os traba-  
rhos em bordadura, razões porque estão sendo usadas, de preferencia nos grandes ateliers de modista e alfaiate das principaes ter-  
las estrangeiras. Não comprem, pois, machinas de costura, sem verem as da marca «OPEL». Dão-se todas as instruções e ensina-se  
e bordar gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 réis semanais.

Há á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vazelina para conservar os nickelados, agulhas para todas as marcas,  
etc., etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e accellam-se machinas velhas em troca das novas.

Preços muito reduzidos.

**ABEL GUEDES DE PINHO**

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48 —OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO  
DE CALÇADO

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madelra

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na  
praça da hortaliça, d'esta villa,  
calçado em todas as côres, para  
homem, senhora e creança; encar-  
regando-se tambem de executar  
com esmerada perfeição e modici-  
dade de preços, toda a encomen-  
da de qualquer obra concernente  
á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer  
dia da semana, fazer-se encom-  
endas, o proprietario virá tam-  
bem a esta villa, a caza dos fre-  
guezes, que para isso o avizem  
pelo correio ou pessoalmente.

LA VILLE DE PARIS  
F. DEPORT, SUCCESSORS

MARCA REGISTRADA  
PORTO

Rua Sá da Bandeira, 249

**Fabrica de corôas**  
e flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro  
em todas as exposições a que tem concorrido

**COROAS FUNEBRES**

**RAMOS para altar.**  
Grande sortido  
de plantas para  
adorno. Flôr de laran-  
jeira, e todos os apres-  
tos para flores.

DEPOSITOS NA PROVINCIA  
COIMBRA — Manoel Carvalho  
Largo do P. D. Carlos.  
FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte  
Praça de Camões.  
SANTAREM — Fonseca & Souza.  
BRAGA — Pinheiro & C.